

UMA ANÁLISE FILOSÓFICA ACERCA DA PERCEPÇÃO NA OBRA *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA* DE JOSÉ SARAMAGO.

Resumo: O ser humano é naturalmente bom? Dadas às oportunidades, o caminho seguido pelo humano será sempre aquele que levará à “Iluminação”? Ainda, qual seria este caminho e o que realmente pode ser considerado como universalmente bom? Tais perguntas há muito fazem parte do imaginário dos intelectuais, e ainda assim não foram respondidas de maneira suficientemente adequada. O que se nota, no entanto, é que as forças de poder, criadas pelo próprio humano, auxiliam na segregação deste e na constante submissão de determinados grupos às vontades de outros. As instituições, como o Estado e suas subdivisões, promovem de diversas maneiras a diminuição do ser humano. No entanto, tais instituições são construtos humanos e, logo, deveriam estar subjugadas a estes, ao invés do contrário. Inconscientemente, a humanidade aparenta ter esquecido deste fato. Um dos únicos momentos nos quais é possível ver o homem retornar a seu modo “primitivo”, liberto de instituições e dogmas socialmente construídos, é quando sua sobrevivência está em risco, e classes sociais hierárquicas não mais importam para que este se mantenha vivo. Assim, este trabalho busca trabalhar algumas destas questões, por meio de contribuições de diversos filósofos, tendo como foco principal de análise a obra *Ensaio Sobre a Cegueira* (1995), escrita por José Saramago. O artigo busca demonstrar como a percepção se torna uma arma de poder, quando todas as instituições e formas hierárquicas sociais são destituídas de seu poder, caso que ocorre no romance, uma vez que a cegueira afeta a todos, indiscriminadamente de quem estes sejam.

Palavras-chave: *Ensaio Sobre a Cegueira* (1995); Percepção; Poder.

A PHILOSOPHICAL ANALYSIS ABOUT PERCEPTION ON THE NOVEL *BLINDNESS* BY JOSÉ SARAMAGO

Abstract: Is the human being naturally good? Given the opportunities, the path followed by man will always be the one that leads to “Enlightenment”? Still, what would such a path and what could be universally considered as good? Such questions have for a long time been a part of the *psique* of intellectuals, and yet they haven’t been answered in a proper manner. What can be noticed, however, is that the forces of Power, created by humans themselves, help their segregation and the constant submission of certain parties to the will of others. Institutions, such as the State and its subdivisions, promote in many ways the diminishment of the human being. However, such institutions are human constructs and, therefore, should be subdued to humans, instead of the opposite. Unconsciously, humanity seems to have forgotten such a fact. One of the only moments in which it is possible to see man return to his “primitive” state, freed of institutions and socially constructed dogmas, is when his survival is at stake, and hierarchical social classes are no longer important in order to stay alive. So, this paper seeks to work with some of these questions, using the contributions of several philosophers, having as its main focus the analysis of the novel *Blindness* (1995), written by José Saramago. The article seeks to demonstrate how perception

becomes a weapon for power, when all institutions and social hierarchical forms are deposed of their power, situation that occurs on the novel, once that the blindness affects everyone, regardless of whom they might be.

Keywords: *Blindness* (1995); Perception; Power.

O Primeiro e mais importante ponto, em nosso entender, a ser levantado quando estamos tratando da obra *Ensaio Sobre a Cegueira* de José Saramago, é o que se refere à questão simbólica da cegueira que acomete, com exceção da mulher do médico, toda a “humanidade” (entendendo este termo, único e tão-somente como designação para o gênero humano, desligado de qualquer efeito valorativo que a palavra possa carregar), a epidemia que se alastra por todo o globo e que leva a população a um estado primitivo, pior mesmo ao que Hobbes ventilara em sua obra *O Leviatã* onde desenvolveu sua famosa idéia de que o “homem é o lobo do homem” e que em um estado natural a ordem seria regida pela lei do mais forte (uma vontade desprovida de qualquer sentido de comunhão ou fraternidade), pode ser facilmente ligada ao estado de alienação e busca do hedonismo que reina na sociedade capitalista, massificada, padronizada, que leva todos a desligarem-se do que os cerca, não mais se importando com o que afeta aos que estão ao seu redor, o que importa é a satisfação e segurança pessoal. E no sentido de retorno a primitividade ou mesmo a simples luta existente no íntimo do homem, entre seus instintos básicos de vida e de morte (desejo de vida e de morte, *eros* e *thanatos*), cabe a observação de uma outra obra *O Mal-Estar na Civilização* de Sigmund Freud, que desenvolve a idéia de que a evolução das sociedades se dá do resultado do conflito entre os instintos de vida e de destruição presentes no homem. Desta forma a busca do ser humano por segurança acaba primeiramente levando-o a reunir-se e estabelecer relações com outros seres humanos, mas, depois de estabilizado, o livro de Saramago demonstra como estas instituições (família, cidade, governos) se desfazem em prol de alguns interesses de determinados indivíduos que, por se acharem protegidos e alto suficientes, dão margem a práticas bárbaras que indistintamente levaram todos à destruição. Assim, em última análise, percebe-se que nenhum individuo é hoje criado para sobreviver sozinho ou com o conhecimento necessário para manter a si próprio e a um grupo pequeno.

Diríamos que a revolução industrial e o cientificismo acabaram por matar qualquer chance que o ser humano teria de se tornar algo maior, ou melhor, elas destruíram o fator gênio, transformaram potencialidades em “colheres” e acabaram por criarem bombas-relógio prontas para serem detonadas dentro de suas casas cercadas por fios eletrificados, nos seus carros protegidos por alarmes e em seus escritórios com alguns pedaços de papel pendurados nas paredes... tais detalhes que muito conforto e segurança lhes trazem, em verdade não irá salvá-los...

Em relação à questão da alienação presente na obra, há que se observar que quando a cegueira ocorre, ela acaba servindo como uma desculpa (como tantas outras que criamos todos os dias em nossas vidas) para que se materializem uma série de atitudes “desumanas” no espaço que envolve o enredo. Estas situações mantêm maior relação de verossimilhança com o desestruturamento da vida em sociedade, da falência dos entes burocráticos.

Uma vez que se compreende como é desnecessário se adequar a certos modelos de convivência, a população tende a voltar a esse primitivismo exposto anteriormente. Assim, nota-se como as linhas que separam valores como “bom” e “mau”, “certo” e “errado”, “verdade” e “mentira” se misturam e, as vezes, até se perdem. Com a cegueira, surge também nas pessoas a sensação de um possível “anarquismo” na sociedade, já que não há mais porque se preocupar com o que seria o dever cívico, social e humano a ser seguido, fator que possibilita uma série de atos desumanos e/ou imorais, uma vez que esta população não se sente mais presa a inúmeros dogmas comportamentais que foram criados por ela mesma. Em relação ao que seria ou não um ato moral, tal indagação não é mais realizada pelas personagens, que agora (com a cegueira instalada) apenas buscam sua sobrevivência. Procurando seu próprio sucesso, num mundo no qual não há espaço para piedade e altruísmo, o que é bom e o que é certo não é mais necessário para uma vivência em sociedade (mesmo que de certa forma não exista mais uma sociedade nesse sentido de comunhão entre povos e aceitação de outras culturas, o que também pode ser entendido como uma omissão a seu próprio modo de vida, já que o mundo moderno vive uma era de considerável hipocrisia, na qual os reais sentimentos são omitidos do imaginário social apenas para que o convívio entre pessoas continue ocorrendo), então

acaba em desuso. Isso remete a certas considerações que Nietzsche fez acerca da criação da moral e de conceitos como bem e mal para os humanos. Segundo o autor:

Para mim é evidente em primeiro lugar que essa teoria procura e fixa a origem de emergência do conceito 'bom' num lugar em que não está: o juízo 'bom' não emana daqueles a quem se prodigalizou a 'bondade'. Foram os próprios 'bons', os homens nobres, os poderosos, aqueles que ocupam uma posição de destaque e têm a alma enlevada que julgaram e fixaram a si e a seu agir como 'bom', ou seja, 'de primeira ordem', em oposição a tudo o que é baixo, mesquinho, comum e plebeu. (NIETZSCHE, p. 25, 2007a).

Assim, a própria noção do que é "bom" estaria impregnada por ideologias que ofuscariam outras possibilidades de interpretação do conceito. Sendo algo criado pelas classes sociais superiores, a noção de "bom" está intrinsecamente ligada às necessidades e vontades de tais esferas. O "bom" costumeiramente aceito nada mais é do que uma convenção, seguida pela sociedade em prol de determinados grupos. Ainda, deve-se ter em mente que "tão pouco é único o conceito de 'bom'. Pergunte-se antes quem precisamente é 'mau', no sentido da moral do ressentimento". (NIETZSCHE, p. 38, 2007a). Percebe-se como o conceito de "bom", e conseqüentemente os conceitos de "mau", "bem", "mal", entre outros, são vários e variáveis, sendo construídos através das necessidades de diferentes povos e de diferentes classes. São instalados e considerados como corretos apenas quando a grande parte da população os aceita, não sendo necessariamente uma coisa considerada má realmente ruim.

É assim que uma série de dogmas começam a ser inseridos no imaginário social, pois grupos dominantes, e aqui podem ser citadas não somente as classes sociais superiores, como certos grupos "privados", principalmente a Igreja enquanto instituição, determinam o que é bom e levam esse conceito a diante, punindo quem não o segue (a ironia que pode ser observada nessa punição perpetrada pela instituição religiosa, em verdade iria contra todos os conceitos de bom que são tão "puramente" pregados por tais instituições, no entanto essa perspectiva sobre tais fatos é muitas vezes desconsiderada). Com o passar do tempo, a população começa a aceitar tais conceitos e, mais adiante, começa a segui-los sem compreendê-los completamente, demonstrando como um grupo teoricamente isolado pode influenciar o inconsciente coletivo de toda

uma população. Em relação ao inconsciente coletivo, sua melhor definição pode ser buscada em seu próprio criador, o psicólogo Carl Gustav Jung, na obra *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*:

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo portanto uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e portanto não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de *complexos*, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de *arquétipos*. (JUNG, p. 53, 2000).

As concepções que são dogmatizadas na nossa psique nunca estiveram explicitamente em nosso consciente, elas apenas se mantinham presentes até serem totalmente aceitas pelo inconsciente. Porém, isso ocorre por uma intensa disposição que certos grupos possuem para dominar outros. Essa disposição faz com que os tipos de atitude das classes no controle sejam considerados melhores e, por isso, bons, enquanto outros comportamentos são rejeitados por não se adequarem e, assim, são considerados ruins. Na obra de Saramago, após a cegueira ter se instalado, a sociedade se encontra novamente em uma era primitiva e a população começa a não ver a necessidade de seguir determinadas regras que eram aceitas sem problemas anteriormente. Na procura por sobrevivência, uma série de dogmas desaparece com o tempo, deixando a população em um estado que demonstra como a grande parte de conceitos aplicados a nossa moral nada mais são do que atitudes que buscam a manutenção de determinado grupo e/ou a convivência social com outros.

Antes de realizarmos a próxima argumentação tem-se que fazer a ressalva de que não cremos que o conceito de alienação ou mesmo luta de classes, propostos pelo marxismo, dêem conta de interpretações mais cuidadosas, seja na esfera social pura seja em suas representações, como é o caso da literatura. Ocorre que esta visão da cegueira como uma metáfora para a alienação pode ser observada sob uma perspectiva Marxista (1963), principalmente se mantermos o foco sobre a questão sócio-econômica que o sistema capitalista desenvolve, levando o homem a perder a consciência desenvolvida em

sociedade, padronizando suas ações e tornando-os autômatos, mecanismos prontos a serem ativados ou desativados, dependendo das circunstâncias, produzindo “Madres Terezas” prontas a enviarem comida aos “necessitados” da África ou “Slobodans Miloševićs” dispostos a tudo para defenderem “seus iguais”. O atual sistema ainda permite que a coisificação se materialize cada vez mais, as coisas tem sua importância aumentada exponencialmente, enquanto que o homem é cada vez mais relegado a uma perspectiva secundária, alcançando importância quando em função das coisas que produz ou consome.

O manicômio onde os cegos são levados no início da obra demonstra muito bem a questão do controle social, de como o poder que emana de um ente maior, no caso o Estado ou outras instituições que teriam interesse em tal segregação (no entanto há que se observar que entendemos a questão da emanção do poder como uma espécie de microcosmo, nos termos propostos por Foucault, onde existem diversas fontes que criam esferas de poder em suas órbitas, sendo o Estado e outras instituições que devido a determinadas circunstâncias, como deter considerável montante econômico “em mãos”, podem ser consideradas como fontes emanadoras de poder por excelência), se manifesta no seio social. Com a segregação pode-se dar o esquecimento, e aquela aberração, às vistas dos seres normais, é posta de lado, pode-se novamente dormir com a consciência tranqüila. O esquecimento que se materializa não é só daqueles que são postos no manicômio, mas mesmo daqueles que ficam na cidade, uma vez que o primeiro passo para nos perdermos é abrimos mão de princípios e valores que são cultivados pela “civilização” há milênios. Ainda levando-se em consideração que eu somente existo em função do outro em uma sociedade, que eu sou o outro (buscando mesmo um sentido de alteridade), quando permito que ocorra uma ação arbitrária sobre ele abro precedentes para que o mesmo ocorra comigo, se por um pecado menor permito que alguém se perca, porque acharia que por outro pecado eu não fosse também repreendido? O princípio é o mesmo, a justiça é posta, o homem que a deturpa, devido a sua baixa percepção e parca capacidade racional. Para não fugir da obra em estudo observa-se que desta forma ela produz momentos de reflexão a respeito da falta de consciência humana em relação à ligação entre a “verdade”, entre os valores

e percepção humana e os mecanismos de poder existentes no seio da sociedade.

Em relação à “verdade”, é interessante notar que ela também não é fixa (como os valores morais, o bom e o mau, etc.) e muito menos única, o que é verdade para um pode não ser para outro e essa verdade que cada pessoa possui pode ser modificada através do tempo e da percepção dela. Da mesma forma que se vê como a moral e a justiça são de certa maneira fabricadas por pelos indivíduos nas diversas relações de poder que mantêm e que estes farão o máximo para manter o *status quo* de seu mundo, também a verdade se torna um instrumento de poder usado para subjugar os demais às vontades de determinadas pessoas ou entidades diversas. Ao enviar os cegos ao manicômio e possibilitar aos outros a chance de esquecer que tudo aquilo havia ocorrido, ou no mínimo possibilitar a eles a chance de entender os fatos que ocorriam como simples delírios de pessoas doentes, cria-se uma nova verdade, na qual não há a necessidade de tais seres existirem. Tal “verdade” é reconfortante, pois não cria uma série de indagações acerca de temas como doença, sociedade corrompida e até mesmo mortalidade. Indagações dessa natureza são costumeiramente ignoradas e suprimidas pelo ser humano, que talvez por sua fraqueza vê em tais pensamentos algo de ruim, não compreendendo que na realidade é através do confronto entre o ser e seus próprios medos que uma possível saída, uma possível “libertação” pode ser alcançada. Ao criar uma nova verdade, da qual os cegos não fazem mais parte, tem-se uma ideia de que quem criou essa verdade é bom e piedoso (mais uma vez se instala aí uma ironia, pois a piedade num sentido mais humanista estaria exatamente no auxílio aos cegos, e não na obliteração de suas existências) e, por isso, verdadeiro. Tal lógica é certamente falha, afinal muitas vezes a verdade está nas palavras que nos machucam, porém a fraqueza humana mais uma vez age sobre os pensamentos, criando uma ilusão de que atos bons seriam atos verdadeiros. Novamente valendo-se das palavras de Nietzsche, desta vez em sua obra *Humano, Demasiado Humano*, sobre as falhas na interpretação da verdade:

Uma das mais frequentes conclusões falsas é esta: como alguém é verdadeiro e sincero para conosco, logo, diz a verdade. É assim que a criança acredita nos juízos dos pais, o cristão nas afirmações do fundador

da Igreja. De igual modo, não se quer admitir que tudo aquilo que os homens defenderam em séculos passados, com sacrifício da felicidade e da vida, nada mais eram do que erros: quando muito se dirá que foram graus da verdade. (NIETZSCHE, p. 83, 2007b)

Graus da verdade, como Nietzsche os chama, seriam representados na obra de Saramago pelos cegos e sua ida ao manicômio, pois a cada pessoa que desaparecia naquele local, a verdade se modificava um pouco mais, sempre em prol daqueles que viam no esquecimento dos cegos a oportunidade de continuarem com suas vidas “tranquilas”. É claro que aí temos novamente a questão do poder e como ele age na sociedade. Os fracos e doentes tem sua voz rechaçada e aqueles que mandam transformam suas atitudes levianas em atos de bondade, fazendo com que o imaginário social não precise se preocupar com tais pessoas, criando assim uma nova verdade, muito mais simples e acalentadora e, portanto, mais suscetível à aceitação. Quando tal verdade é aceita, as pessoas que entraram no manicômio se tornam um certo tipo de subproduto da sociedade, quase como um dejetivo, podendo ser descartado ao bel prazer dessa mesma sociedade (entendida novamente como uma manifestação dos poderosos). Se algo pode ser descartado, pode ser também esquecido, e o que é esquecido não é importante. O esquecimento acaba se tornando uma das “armas” mais poderosas para a dominação social, pois ela demonstra as intenções daqueles que jogam ao limbo aquilo que não desejam, porém o faz de maneira implícita, possibilitando assim a chance para que ninguém se revolte ou tome alguma atitude que vá contra os princípios vistos como corretos pela classe dominante. E deve-se ter em mente que o esquecimento também fere uma das coisas que os humanos mais prestigiam, a memória. Todos procuram ser lembrados, pois isso de certa forma traria algum sentido a nossa existência, mesmo que a lembrança de nosso ser esteja limitada apenas a determinados grupos de pessoas.

Ainda no que se refere à questão do esquecimento, há que se levantar que as personagens constantes na obra não são em momento algum nomeadas, o que auxilia no sentimento de perda e desapego com as coisas que as rodeiam, assim como essa sensação, de certa forma, também pode ser sentida pelo leitor, as próprios personagens compartilham disto, como bem pode-se observar na passagem que segue:

Tão longe estamos do mundo que não tarda que comecemos a não saber quem somos, nem nos lembramos sequer de dizer-nos como nos chamamos, e para quê, para que iriam servir-nos os nomes, nenhum cão reconhece outro cão, ou se lhe dá a conhecer, pelos nomes que lhes foram postos, é pelo cheiro que identifica e se dá a identificar, nós aqui somos como uma outra raça de cães, conhecemo-nos pelo ladrar, pelo falar, o resto, feições, cor dos olhos, da pele, do cabelo, não conta, é como se não existisse, eu ainda vejo, mas até quando. (SARAMAGO, 1995, p.64)

Outro ponto que chama a atenção é quando as personagens entram na igreja e encontram as imagens dos santos vendadas. Esta representação é incrivelmente fecunda, diversas interpretações são possíveis. Teriam vendado as imagens para que não pudessem ser observados? Para que as barbáries não fossem punidas? Ou teriam ido além? Seria uma estratégia para um ataque sutil, mas devastador, no que Nietzsche chamava de “bengala do homem” por parte do autor? Isto é muito possível, pois levando-se em consideração que as imagens e representações das divindades são feitas pelos homens, será esta uma tentativa de demonstrar que a idéia de que “fomos criados a sua imagem e semelhança” é uma farsa e que na verdade “nós as (as imagens e mesmo porque não as próprias divindades) construímos à nossa imagem e semelhança”?

A ressalva antes levantada acerca do Marxismo, principalmente em relação à luta de classes, pode ser reforçada uma vez que a epidemia de cegueira atinge toda a população não poupando qualquer camada social ou atividade profissional:

Aqui não há só gente discreta e bem-educada, alguns são uns mal-desbastados que se aliviam matinalmente de escarros e ventosidades sem olhar a quem está, verdade seja que no mais do dia obram pela mesma conformidade, por isto a atmosfera vai se tornando cada vez mais pesada [...] (SARAMAGO, 1995, p. 99)

Neste ponto há que se mencionar que a obra faz com que, em determinados momentos nos sintamos enojados, irados, prontos para a destruição de todo um sistema, uma vez que todos os atos e circunstâncias representadas são facilmente observadas (às vezes nem sendo necessário o

uso da analogia) na sociedade em que vivemos, em nossa grandiosa civilização ocidental de 500 anos de ciência e produção intelectual incessante.

Isto posto, lamentavelmente chegamos à conclusão de que mataram o gênio, estupraram a virtude e mediocrizaram as potencialidades, restando apenas concordar com o autor (ao menos em parte): “É desta massa que nós somos feitos, metade de indiferença e metade de ruindade.” (SARAMAGO, 1995, p.40)

Referências bibliográficas:

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 16ª ed. Rio de Janeiro: Editora Graal: 2001.

FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar na Civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

HOBBS, Thomas, *O Leviatã*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Trad. Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 2ª ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 1963.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A Genealogia da Moral*. Trad. Antonio Carlos Braga. 2ª ed. São Paulo: Editora Escala, 2007a.

_____. *Humano, Demasiado Humano*. Trad. Antonio Carlos Braga. 2ª ed. São Paulo: Editora Escala, 2007b.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a Cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.